

CIBERESPAÇO E EDUCAÇÃO: PROPOSIÇÕES ACERCA DOS LETRAMENTOS DIGITAIS

doi: 10.4025/imagenseduc.v2i2.17086

Ana Paula Domingos Baladeli*
Aparecida de Jesus Ferreira**

* Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. annapdomingos@yahoo.com.br

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Resumo

O ciberespaço reflete mudanças socioculturais significativas que favorecem a participação e a construção de significados nos diferentes espaços de interação, de comunicação e de informação. Na perspectiva do letramento crítico, as práticas de letramento que ocorrem no ambiente virtual não são neutras visto que evidenciam visões de mundo socioculturalmente criadas (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007). Sendo assim, o propósito desse artigo é discorrer sobre as práticas de letramento mediadas por tecnologia e as implicações desses novos espaços de autoria e disseminação de discursos para o ensino crítico de línguas. Nossas reflexões partem do pressuposto de que tanto a língua quanto a tecnologia não são culturais neutras e, por essa razão, requerem uma postura crítica do professor rumo ao ensino crítico e contextualizado de línguas.

Palavras-chave: Educação. Letramentos. Ciberespaço.

Abstract: Cyberspace and education: proposals about digital literacies. Cyberspace reflects significant sociocultural changes that promote the participation and construction of sense through different spaces for interaction, communication and information. From the critical literacy perspective, the literacy practices that occur in the virtual environment are not neutral because they reflect sociocultural views of the world (LANKSHEAR, KNOBEL, 2007). Thus, the purpose of this paper is to discuss literacy practices mediated through technology and the implications of these new spaces for authorship and the dissemination of discourses related to critical language teaching. Our reflections start from the idea that language and technology are not culturally neutral and, for that reason, a critical teaching attitude is required from the teacher to promote contextualized language teaching.

Key words: Education. Literacies. Cyberspace.

Introdução

As mudanças constantes desencadeadas pela modernidade devido à inserção de tecnologias, sobretudo, as digitais têm desencadeado reflexões sobre as implicações da Internet nas relações sociais. Conforme Castells (1999), Lemos (2002) e Recuero (2009), o advento da Internet desencadeou uma revolução sem precedente no acesso à informação; na interação do homem com a informação e na produção coletiva e divulgação de conhecimento.

Nas páginas da *web*, interface gráfica da Internet, é possível engajar-se em práticas de leitura e de escrita sobre os mais variados temas desencadeando assim novas práticas sociais de civismo e ativismo político (LEMONS, 2002; 2010; CERVETTI; DAMICO; PEARSON, 2006; MOITA LOPES, 2010; PALFREY,

GASSER, 2011; GEE; HAYES, 2011). Para Gee e Hayes (2011), a *web* trouxe o sujeito comum para o centro das práticas sociais outorgando-lhe condições para produzir e disseminar seus discursos e ideologias. Assim, assumimos nessa proposta a concepção social de linguagem como uma produção sociocultural resultante das interações construídas sob determinadas relações de poder, por essa razão, o discurso veiculado em interações de qualquer ordem não é neutro (FAIRCLOUGH, 2001; STREET, 2003; MOITA LOPES, 2010).

O advento da rede das redes (CASTELLS, 2001), desencadeou novas formas de interação e de acesso e produção de conhecimento, e essa mudança sociocultural tem se consolidado na ordem do dia das pesquisas em educação. Isso porque, no contexto do ciberespaço o aluno tem acesso a outros espaços de informação e de

interação além da escola e por meio dela pode engajar-se em práticas de leitura e de escrita sobre os mais variados temas, e essa face da Internet os jovens já descobriram. Assim, as comunidades virtuais têm representado espaços alternativos para a divulgação de discursos; acesso a informação; exercício da cidadania; mobilização de pessoas comuns na defesa de seus interesses e, sobretudo, na construção de identidades.

Assim, no contexto atual, a comunicação, o acesso à informação e as inter-relações nos mais variados setores da sociedade estão interligados pelas tecnologias digitais. A Internet “[...] cria hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária” (LEMOS, 2002, p. 116). Ainda conforme Lemos (2002, 2010), a esse contexto multifacetado, recombina entre tecnologia, imaginário e sociabilidade dá-se o nome de cibercultura, cuja associação entre as relações sociais, comerciais vigentes tendem a apropriar-se cada vez mais de tecnologias digitais.

Na esteira das mudanças socioculturais engendradas pelo uso massivo da Internet, surgem novos letramentos que, tendo as funcionalidades da *web* 2.0 (redes sociais) como espaço para as atividades de leitura, de escrita e de divulgação de informação ampliam vertiginosamente as possibilidades de os sujeitos participarem de espaços outros para veiculação de discursos. O que Lemos (2010) denomina de liberação da palavra e Lévy (1999) de inteligência coletiva, ilustra a apropriação das possibilidades de produção e divulgação de informação e conhecimento bem como a superação das distâncias favorecidas pelas tecnologias digitais. Estamos imersos em um contexto mediado por tecnologias em que mudanças socioculturais são notáveis, sobretudo, no que se refere à forma como acessamos e divulgamos a informação. “A cultura contemporânea, do digital e das redes telemáticas, está criando formas múltiplas, multimodais e planetárias de recombinações [...] As ações de produzir, distribuir, compartilhar são os princípios do ciberespaço” (LEMOS, 2010, p. 27).

Dessa forma, ao integrarmos esses pressupostos à questão de novas práticas de letramentos o fazemos com base na necessidade de reconhecer a *web* como um espaço *sui generis*

onde práticas plurais de linguagens são construídas e divulgadas com base na perspectiva social dos novos estudos do letramento – NEL na qual os letramentos são considerados práticas sociais situadas socioculturalmente. Nesse aporte teórico, consideram-se os diferentes usos que os grupos socioculturais praticam os letramentos situando-os no contexto do poder e de ideologia. Isso significa dizer que os letramentos são múltiplos e refletem as visões de mundo e os significados construídos pelos sujeitos ao longo de suas interações pela linguagem. Além disso, um aspecto bastante latente nos novos estudos do letramento refere-se ao fato de que “[...] existem vários modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais [...]” (STREET, 2007, p. 466).

Por essa razão, ora é proposto é a discussão das novas práticas de letramento digitais e, a apropriação da *web* como espaço para o acesso a informação e a veiculação de discursos vários que inevitavelmente interceptam os letramentos escolares. Para tanto, faz-se necessário discutirmos sobre a natureza das relações sociais em tempos de cibercultura, o uso das redes sociais como espaços para práticas de letramento e de construção de significados e a integração desses letramentos no ensino de línguas.

Cibercultura e sociabilidade

Conforme já adiantamos, os novos letramentos surgidos com a popularização da *web* 2.0 inserem-se no contexto do ciberespaço¹. Antes, porém, que engendramos reflexões acerca dos novos letramentos oriundos no uso das redes sociais e suas implicações na educação vale explicitarmos termos-chave como ciberespaço e cibercultura. Para tanto, nosso ponto de partida são as definições do filósofo Pierre Lévy (1999) para quem a tomada das tecnologias digitais, como espaço de divulgação de informação e sua consequente descentralização, possibilitam a valorização das culturas locais e também favorecem a exploração da inteligência coletiva.

¹ Conforme Lévy (1999) o termo ciberespaço foi criado por William Gibson em 1984 em sua obra de ficção científica *Neuromancer* em que os conflitos e as disputas do poder relacionavam-se ao controle das redes.

Segundo Lévy, cibercultura diz respeito ao conjunto de técnicas sejam elas materiais ou intelectuais, modos de pensamento e também de valores relacionado ao ciberespaço sendo este último um novo meio de comunicação criado pelos computadores em redes (LÉVY, 1999).

Temos então um cenário multifacetado, híbrido, efêmero impulsionado pela dinamicidade da cibercultura movida pela comunicação eletrônica no nível global e pela atuação do homem com o computador, tornando assim, difícil dissociarmos o uso de tecnologias das relações sociais de toda ordem (LE MOS, 2002; RECUERO, 2009).

Na ótica de Lemos (2010), a popularização desses espaços de interação aliada à desterritorialização das produções de autoria evidencia sua natureza política e sua capacidade de favorecer o intercâmbio livre de informação ou a liberação da palavra. Nesse cenário “[...] o cibercidadão pode descobrir na rede uma pluralidade de proposições que ele não teria jamais imaginado. Mais ainda, na *web*, pensamentos são expressos por aqueles que as produzem e as pensam [...]” (LE MOS, 2010, p. 88). No entanto, esse espaço fluido e hipertextual da *web* não está isento de mecanismos de controle, isso porque, há sempre alguma forma de coerção que resulta em punição para o autor e retirada do conteúdo na *web*.

Conforme Santaella (2004) “[...] ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela” (SANTAELLA, 2004, 45). Levando em considerações todas essas proposições apresentadas, concordamos com Lévy (1999) e Lemos (2002; 2010) quando enfatizam que o ciberespaço caracteriza-se como um espaço público de comunicação onde o conhecimento pode ser produzido e distribuído em larga escala superando o modelo hegemônico e centralizador próprio das mídias de massa. Outro ponto a destacar refere-se ao respeito e à tolerância urgente nas relações sociais realizadas no ciberespaço, que, como vimos, tornam-se cada vez mais palcos de encontros e embates entre culturas, economias e visões de mundo diferentes sendo, portanto, ofensas, preconceitos não mais restritos a um grupo local já que se espalham rapidamente pelos perfis das redes sociais. Dado que segundo Lemos (2010), nos

obrigaria a sermos cautelosos na comunicação em rede isso porque, “o menor movimento de humor é aparente no nosso estilo, como nossa maneira de nos dirigir aos nossos interlocutores” e diante disso, argumenta ainda que “[...] a Internet nos civiliza: o outro se aproxima de nós no nó da linguagem” (LE MOS, 2010, p. 233).

O advento da rede das redes (CASTELLS, 2001) nos possibilitou novas formas de interação e de acesso e produção de conhecimento, e essa mudança sociocultural tem se consolidado na ordem do dia das pesquisas em educação. Isso porque, no contexto do ciberespaço, o aluno tem acesso a outros espaços de informação e de interação além da escola e por meio dela pode engajar-se em práticas de leitura e de escrita sobre os mais variados temas, e essa face da Internet os jovens já descobriram.

Diante da emergência em discutir as práticas de leitura e de escrita que ocorrem fora da sala de aula e em face ao desafio de repensar as práticas pedagógicas num contexto em que os jovens estão cada vez mais integrados com a vida virtual, apresentamos agora algumas reflexões sobre os novos letramentos digitais e o ensino de línguas.

Letramento crítico e ensino de línguas

A temática dos letramentos tem sido recorrente na esfera científica mesmo em diferentes perspectivas, que buscam compreender o que são os letramentos e quais os letramentos a escola como agência do letramento (KLEIMAN, 1995) ainda não integrou em seu currículo. Partimos do pressuposto que o ensino crítico de línguas precisa integrar as práticas de letramentos que o aluno realiza fora da sala de aula e, que também considere os aspectos socioculturais que os norteiam (BUZATO, 2010). Dessa forma, assumimos que a concepção de língua e o modelo de letramento adotado pelo professor revelam além de sua opção epistemológica, sua postura política em face da língua e cultura que ensina. Outro aspecto a destacar no que se refere à inserção pela escola das práticas de letramento mediadas por tecnologia repousa no fato de não haver neutralidade tanto nos discursos veiculados no ciberespaço quanto nas tecnologias que os sustentam, isso porque, ambas são permeadas por alguma ideologia (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007).

Os pressupostos que embasam esse estudo são os novos estudos do letramento (STREET, 1995; 2003) em que as práticas de leitura e de escrita são compreendidas como práticas sociais mediadas pela linguagem, sendo interpelada não só pela cultura como também pela ideologia do contexto em que está inserida. Conforme Street “[...] as práticas de letramento referem-se a uma concepção cultural mais ampla de formas particulares de pensar e de realizar a leitura e a escrita” (STREET, 2003, p. 79).

Em suas pesquisas sobre as práticas de letramento realizadas por diferentes comunidades, Brian Street (1995) definiu dois modelos de letramento, sendo eles o modelo autônomo e o modelo ideológico. No modelo autônomo de letramento a escrita é autossuficiente, pois independe de seu contexto de produção e de uso. Na condição de tecnologia neutra *per se* a escrita representaria mais uma habilidade cognitiva de cunho individual do que uma prática social. “A característica de autonomia refere-se ao fato de que a escrita seria, nesse modelo, um produto completo em si mesmo, que não estaria preso ao contexto de sua produção para ser interpretado” (KLEIMAN, 1995, p.21).

O modelo ideológico por sua vez oferece uma visão mais crítica das práticas de letramento, estas compreendidas a partir do contexto sociocultural onde são produzidas. Diferente do modelo autônomo em que a tecnologia da escrita é independente do contexto em que é produzida, no modelo ideológico, o letramento refere-se, sobretudo, às práticas sociais de uso da linguagem e não uma técnica neutra passível de ser reproduzida da mesma forma ou replicada em diferentes contextos (STREET, 1995; KLEIMAN, 1995).

Se na perspectiva dos novos estudos do letramento, língua, contexto e cultura tornam-se elementos indissociáveis, é imprescindível compreender que as práticas de letramentos estão em alguma medida relacionadas com determinadas visões de mundo e não com outras. Concordamos com Street (2007) quando argumenta que “[...] temos de começar onde as pessoas estão, compreender os significados e usos culturais das práticas de letramento e traçar programas e campanhas com base nelas em vez que com base em nossas próprias suposições culturais acerca do letramento” (STREET, 2007, p. 484).

Em termos práticos, o aporte teórico dos NEL fundamenta a perspectiva do letramento crítico e também amplia a compreensão do contexto social considerando aspectos políticos e ideológicos nas práticas de linguagem (FERREIRA, 2006). Assim, ao adotarmos este referencial deslocamos as análises do âmbito linguístico e as direcionamos para um contexto mais abrangente, em que a leitura e a escrita são compreendidas como práticas socioculturalmente marcadas tendo seus significados construídos de formas diversas.

Acreditamos que o ensino de uma língua estrangeira deve favorecer na aproximação da cultura local com a que se aprende, não com propósito de valorar, mas sim de compreender que as diferenças culturais fazem parte da aquisição de uma língua estrangeira. Entender como a língua do outro funciona formal e socioculturalmente não significa alienar-se, pelo contrário, possibilita ao aluno compreender o papel das línguas e das culturas na sociedade. Numa perspectiva crítica, significa que o referencial de uma língua estrangeira possibilita ao aluno compreender-se como sujeito nas práticas socioculturais em que participa (MOITA LOPES, 1996; FERREIRA, 2006).

Destarte, ensinar e aprender uma língua estrangeira implica ainda considerar a influência de aspectos, tais como, a pluralidade e diversidade cultural, na tentativa de abordar os diferentes contextos culturais e históricos revelados pela língua, socializando assim, o conhecimento e proporcionando ao aluno o contato com diferentes línguas e culturas. Nessa ótica, a escola desempenha um papel importante uma vez que é o caminho para tornar esse aluno um sujeito consciente de sua realidade e de seu papel histórico na construção da sociedade.

Integrando as discussões acerca dos novos estudos do letramento e o uso exponencial do ciberespaço com o ensino de línguas, torna-se urgente o aproveitamento tanto do interesse quanto do uso que os alunos fazem do ambiente virtual para a realização de práticas de letramento contextualizadas e significativas. Isso porque, indubitavelmente, as páginas da WWW oferecem um volume considerável de informações em diferentes mídias que possibilita ao aluno a interação com pessoas de diferentes lugares e a ampliação do conhecimento cultural acerca da língua que estuda. Além disso, o professor que aventurar-se pelos *links* nos *website*

encontrará um volume grande de materiais produzidos nos mais variados idiomas que podem ser utilizados pedagogicamente e, até sugeridos aos alunos como fontes de pesquisa ou materiais para autoinstrução.

Diante disso, o grande desafio posto é desvelar a *web* e seus recursos a favor da aprendizagem e da construção do conhecimento e, isso implica superar o paradigma tradicional de educação em que professor e aluno estão em lados opostos, visto que numa perspectiva crítica de educação com tecnologias a palavra-chave é a colaboração.

Os novos letramentos digitais

Na *web*, é possível engajar-se em práticas de leitura e de escrita sobre os mais variados temas, e essa face da Internet os jovens já descobriram. No entanto, observamos que há uma distância significativa entre os usos da linguagem que os jovens realizam na *web* e o que é considerado pelos professores como práticas de letramentos (CERVETTI; DAMICO; PEARSON, 2006; BUZATO, 2010; SNYDER, 2010).

Conforme Lankshear e Knobel (2007), o termo novos letramentos digitais refere-se à capacidade de o sujeito compreender e usar a informação em múltiplos formatos a partir de uma ampla gama de fontes de informação. Os pesquisadores enfatizam que integrar os letramentos digitais na educação não significa transportar as práticas que ocorrem online para a sala de aula, para eles é preciso “[...] reconhecer onde e como a natureza e a diversidade dos letramentos digitais podem entrar na aprendizagem e como é possível criar pontes entre o interesse dos alunos e os propósitos educacionais” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2007, p. 09).

Na perspectiva de Freitas (2010), letramento digital reflete um “[...] conjunto de competências necessárias para que um indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet [...]” (FREITAS, 2010, p.339).

A *web* 2.0, segundo Buzato (2010), possibilita a criação de novos espaços de interação, pesquisa e colaboração o que é válido para a realização de projetos colaborativos, pesquisas em diferentes mídias, acesso a recursos multimodais em que a língua, quer seja materna

ou estrangeira, é utilizada. No entanto, essas potencialidades da *web* nem sempre chegam a ser contempladas a contento na educação tendo em vista que o aprimoramento das redes sociais opõe-se a um modelo prescritivo e reprodutivista ainda vigente na educação.

Nesse sentido, concordamos com Freitas (2010) e Snyder (2010), quando defendem que mesmo com o avanço das tecnologias digitais e a participação crescente dos jovens nos espaços de interação na *web* o que continua urgente é o desenvolvimento do pensamento crítico seja no ambiente virtual ou fora dela. O fato é que por conta da evolução constante dos espaços interativos e do uso massivo das tecnologias digitais, estamos vivenciando um contexto mutável, híbrido, instável e de incertezas em relação as mudanças a serem realizadas na educação. Em decorrência de sua natureza essencialmente colaborativa, a *web* tem sido apontada como a mídia propulsora de novas práticas sociais de leitura, de escrita e de participação política, sobretudo, por meio da interação verbal que ocorre em diferentes redes sociais. No bojo de sua natureza colaborativa “[...] os novos letramentos digitais, podem ser compreendidos como espaços de discussão, de reinvenção social, de agenciamento e de transgressão” (MOITA LOPES, 2010, p.394).

Considerações finais

Ao longo deste artigo, que não teve a pretensão de apresentar reflexões conclusivas, e sim, de fomentar reflexões sobre os letramentos digitais e sua interface com o ensino crítico de línguas a partir do aporte teórico adotado, o que pretendemos fazer foi fomentar a discussão do tema e sua interface com a educação. Esse que no ambiente escolar ainda tem sido pouco adotado, talvez pelo mito de que o professor precisa ser um *expert* em informática para poder inserir recursos da tecnologia em sua prática ou utilizar as redes sociais para fins educacionais.

Dado incontestado, as páginas WWW têm possibilitado o surgimento de novos espaços socioculturais em que a interação ocorre, sobretudo, por meio da escrita. Na mesma proporção em que a *web* possibilita a criação, o armazenamento e a edição de informação, esta tecnologia tem despertado o interesse de pesquisadores no que diz respeito às mutações no uso da linguagem e a instauração de novos

letramentos que, à revelia da escola continuam conquistando cada vez mais jovens e crianças. Esse público que ora chega à escola (in)felizmente tem sido obrigado a adequar-se a um modelo tradicional de educação e de prática pedagógica centrada no professor e na transmissão de conhecimento, o que evidencia o latente descompasso entre os modelos de educação e o perfil do aluno que estamos encontrando atualmente nas salas de aula. Por essa razão, acreditamos que professor de línguas, quer seja materna ou estrangeira, que faz de sua prática um espaço de negociação de significados, de inter-ação, as novas práticas de letramentos digitais podem contribuir na aprendizagem dos alunos à medida que ampliam o acesso destes às práticas sociais de leitura e de escrita ampliando seu conhecimento sobre a língua e cultura que estuda e favorecendo o desvelamento dos aspectos culturais e ideológicos subjacentes a toda prática de letramento.

Acreditamos ainda que as práticas sociais mediadas por tecnologia poderiam ser inseridas nos programas de formação inicial e continuada do professor a fim de ampliar o acesso às práticas de linguagem das quais os alunos já vem fazendo parte e, também com o propósito de despertar o interesse do professor tanto pelas práticas sociais engendradas na *web*, quanto pelo acesso a informações. Por fim, outra razão para incluir o tema nos espaços formativos do professor é que na *web* a convergência das linguagens imprime mutações significativas nas práticas de leitura e de escrita, tendo como exemplo mais evidente a natureza do texto em ambiente virtual.

Referências

BUZATO, Marcelo El K. Cultura digital e apropriação ascendente: apontamentos para uma educação 2.0. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.283-304, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CERVETTI, G.; DAMICO, J.; PEARSON, P.D. Multiple literacies, new literacies, and teacher education. **Theory into practice**, vol. 45, issue 4, 2006. Disponível em:

<<https://resources.oncourse.iu.edu>>. Acesso em: 28 de abril de 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Revisão e tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Aparecida de J. Formação de professores de língua inglesa e o prepara para o exercício do letramento crítico em sala de aula em prol das práticas sociais: um olhar acerca de raça/etnia. **Revista Línguas & Letras**. Cascavel-PR, v. 7, n. 12, p. 171-187, 2006.

FREITAS, Maria T. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, jul/dez.2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

GEE, J. P.; HAYES, Elisabeth. **Language and learning in the digital age**. Routledge: New York, 2011.

KLEIMAN, Ângela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas-SP: Mercado de letras, 1995.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. Introduction. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. In: **Digital literacies: concepts, policies and practices**. Peter Lang Publishing, New York, USA, 2007.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos**

processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trab. Ling.**, Campinas, 49 (2), p. 393-417, jul./dez.2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SNYDER, Ilana. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. Tradução de Marcelo El K. Buzato. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.03, 2010, p. 255-282. Disponível em: <<http://www.scielo.br>> acesso em: 12 dez. 2011.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

STREET, Brian V. What's "new" in new literacy studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. **Current issue in comparative education, teachers college**. Columbia University. May, 12, p. 77-91, 2003.

STREET, Brian V. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista Filologia e Língua Portuguesa**, 7, 2007, p.465-489. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

Recebido em: 03 de maio de 2012.

Aceito em: 23 de maio de 2012.